

Lula diz que 'é grave' veto de Maduro em opositora

SUBIDA DE TOM

Ao lado de Macron, Lula critica veto de Maduro à opositora na Venezuela



Alinhamento. Lula e Macron durante encontro no Palácio do Planalto, em Brasília: líder francês parabenizou mediação brasileira com a Venezuela, e partilhou as preocupações com o pleito no país

ELIANE OLIVEIRA E ALICE CRAVO
RIO DE JANEIRO

Dois dias após uma dura nota do Itamaraty, foi a vez do próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criticar ontem o veto à candidatura da opositora Corina Yoris nas eleições venezuelanas, confirmando a mudança de posicionamento do governo e reforçando o isolamento de Nicolás Maduro na região. Yoris era a candidata escolhida pela oposição para substituir Maria Corina Machado, grande vencedora das primárias, mas inabilitada pelo governo por 15 anos. Ao lado do presidente da França, Emmanuel Macron, Lula chamou de "grave" o fato de que a substituta não pudesse ter sido registrada.

— Ela não foi proibida pela Justiça. Me parece que ela se dirigiu até o lugar e tentou usar o computador e não conseguiu entrar. Foi uma coisa que causou prejuízo à candidata — afirmou o presidente brasileiro.



— O dado concreto é que não tem explicação jurídica ou política, proibir um adversário de ser candidato. Aqui no Brasil é proibido proibir, a não ser que haja uma punição judicial e que garanta o direito de defesa das pessoas prejudicadas.

Yoris teve sua inscrição no registro do Conselho Nacional Eleitoral (CNE) bloqueada

tanto na internet quanto presencialmente, o que fez com que os governos de EUA, Brasil e Colômbia e a União Europeia (UE) questionassem a manobra do chavismo, pondo em xeque a credibilidade do processo eleitoral.

No caso do Brasil, o comunicado divulgado pelo Itamaraty na terça-feira — com o aval de

Lula — foi a primeira expressão oficial crítica do país ao governo Maduro.

Ontem, ao lado de Macron — que elogiou a mediação brasileira na crise política do país vizinho —, o presidente voltou a criticar o veto à inscrição da candidata, deixando claro que está de acordo com a nota do Itamaraty. Lula

disse ainda que a disputa na Venezuela deveria ocorrer no mesmo modelo das eleições brasileiras.

— Se as eleições não forem democráticas... O Brasil vai participar lá, vai tentar assistir a essa eleição, porque eu não quero nada melhor nem pior, quero que as eleições sejam feitas igual a gente faz aqui no Brasil, com a participação de todos. Quem perder chora, quem ganhar, ri. E assim a democracia continua.

A nota de terça foi assinada apenas pelo Itamaraty, o que levou o governo venezuelano a responder diretamente à Chancelaria brasileira. Naquele momento, Lula foi poupado, o que sugeria que poderia haver um racha entre o Itamaraty e o Palácio do Planalto.

Integrantes do governo brasileiro, no entanto, disseram que o comunicado só foi publicado após o aval de Lula que, ao declarar sua preocupação com o processo eleitoral na Venezuela ontem, reforçou esse argumento.

Também questionado sobre

o tema, Macron concordou que a situação é grave e prometeu tentar convencer o presidente da Venezuela a permitir a participação de todos os candidatos no pleito.

— O marco em que essa eleição está ocorrendo não pode ser considerado democrático. Nós faremos de tudo para convencer o presidente Maduro para que reintegre todos os candidatos e tenhamos eleições mais transparentes — afirmou o presidente francês.

— Condenamos a retirada da candidata do processo e espero que seja possível um novo marco. Não nos desesperemos, mas a situação é grave e piorou com a última decisão [de retirar Yoris do pleito].

'PROCESSO COMPLEXO'
Os últimos levantamentos feitos pelo Palácio do Planalto mostram que a defesa da Venezuela desgasta a popularidade de Lula. Ao demonstrar, nos últimos meses, proximidade com Maduro, e afirmar que há democracia no país vizinho e que o descumprimento de direitos humanos é uma "questão de narrativa", o presidente brasileiro vinha sendo alvo de críticas, internas e externas.

Com a mudança de tom, Lula conseguiu o apoio declarado da França à nota do Itamaraty, ao mesmo tempo em que tenta melhorar sua imagem, descolando-a de amigo de um ditador. Mas, apesar do arranhão nas relações bilaterais, o governo brasileiro continua querendo contribuir com o processo eleitoral na Venezuela.

Ao GLOBO, o assessor para assuntos internacionais da Presidência da República, Celso Amorim, afirmou que as falas têm como motivação uma preocupação com o pleito, tratado por ele como "complexo". Para Amorim, tanto a declaração de Lula quanto a troca de notas entre o Itamaraty e a Chancelaria venezuelana não comprometem a intenção do Brasil de ajudar no processo eleitoral.

— Nossa preocupação é ajudar em um processo complexo, difícil, de maneira que as eleições transcorram bem — afirmou, após participar de um almoço oferecido a Macron no Itamaraty.

Há uma semana, antes do episódio diplomático, Amorim conversou com representantes de Maduro e da oposição. Sua conclusão era que havia diálogo entre as partes e, portanto, haveria boas razões para acreditar que as eleições, em julho, respeitariam os princípios democráticos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 06